

SER MÉDICO E APRENDER MEDICINA NA LUSITÂNIA ROMANA¹

TO BE A DOCTOR AND TO LEARN MEDICINE IN THE ROMAN LUSITANIA

Amílcar GUERRA² – Sara HENRIQUES DOS REIS³

RESUMEN: Al elegir un tema pertinente a la Historia de las Ciencias de la Salud, aquellos que se dediquen al estudio de la Lusitania romana ciertamente verán el análisis del estado socio-jurídico de los profesionales de la medicina como una opción más que evidente. Aunque el tópico tradicional de la insuficiencia de datos ha de ser tenido en cuenta también en este caso, poseemos un conjunto sustancial de datos arqueológicos y epigráficos que nos permiten esbozar un panorama de la cuestión. Entre los documentos disponibles existe una inscripción excepcional recientemente descubierta en la capital de la Lusitania (Edmondson, 2009) que llama la atención sobre algunos elementos esenciales para comprender el proceso de formación de los médicos en un contexto provincial romano. Las restantes inscripciones, que a veces también pueden hallarse en la literatura clásica, tienen la gran ventaja de presentar ejemplos concretos de médicos, de los cuales conocemos el nombre y algunos aspectos particulares de su vida, y en los que podemos encontrar explícita o implícitamente también su condición social. Por otra parte, lo que se sabe del amplio repositorio de epígrafes del mundo romano que se refieren a los médicos permite completar el cuadro y servir de punto de comparación sobre esta realidad particular del extremo occidental del Imperio.

PALABRAS CLAVE: médicos; formación médica; estatuto servil; libertos; conexiones *Olisipo-Emerita*.

¹ Este texto teve na sua origem uma comunicação apresentada ao Congresso de História das Ciências da Saúde. *Phármakon: do combate da enfermidade à invenção da imortalidade*, assumindo então como um breve ensaio de síntese sobre o tema.

² Universidade de Lisboa. E-mail: aguerra@campus.ul.pt ORCID ID: 0000-003-3478-0036.

³ Universidade de Lisboa. E-mail: sarareis@letras.ulisboa.pt ORCID ID: 0000-002-8702-0666.

ABSTRACT: By choosing a pertinent topic to the History of Medical Sciences, those who dedicate themselves to the study of Roman Lusitania will certainly see the analysis of doctors socio-juridical status as an obvious option. Although the traditional topic of data scarcity can be applied to this subject, we have, nevertheless, a substantial set of archaeological and epigraphic data that allow us to draw a representation of the matter. Among the available documents, an exceptional inscription recently discovered in the capital of Lusitania (Edmondson, 2009), draws attention to some interesting elements to understand the process of medical training in a Roman provincial context. The remaining inscriptions, that sometimes quite suggestively also appear in classical literature, have the great advantage of presenting concrete examples of doctors, of whom we know the name and some particular aspects of their lives, and in which we can find explicitly or implicitly their social status. Moreover, what is known of the wide repository of epigraphs of the Roman world that refer to doctors, allow us to complete the picture and serve of parallel to this particular reality of the extreme west of the empire.

KEYWORDS: doctors; medical training; servile status; freedman; links between *Olisipo-Emerita*.

1. INTRODUÇÃO

“La médecine romaine antique reste, en définitive, un système de santé publique conjugué avec un art de vivre”.
(André, 2006: 622)

- 1 No mundo antigo a *ars medicina*, lado a lado com a farmacêutica, constituiu a “ciência” destinada aos cuidados do bem-estar e da saúde do ser humano. Neste panorama, podemos encontrar relacionados termos gregos como *phàrmakon* (φάρμακον), remetendo para a dupla acção do componente como remédio ou veneno (Bejarano Osorio, 2015: 19); ou *krísis* (κρίσις) que reporta, no sentido patológico, para o momento do desfecho final.
- 2 Não obstante as raízes helenísticas, a medicina ocupou um lugar de destaque na civilização romana onde se tornou objecto de amplo desenvolvimento. Por conseguinte, o tema da Medicina Antiga veio a despertar, desde o séc. XIX, o interesse e atenção dos investigadores modernos. Detecta-se assim, na historiografia

oitocentista (e na viragem do século), um privilégio dado ao estudo de grandes figuras, concretamente aos autores dos primeiros tratados científicos sobre medicina (Hipócrates, Celso ou Galeno); bem como à análise da recepção e difusão da medicina hipocrática em Roma, tema abordado por M. Albert na obra *Les médecins grecs à Rome* (Paris, 1884).

- 3 Porém uma abordagem epigráfica direccionada à medicina somente fora aplicada no início do séc.XX quando fora realizado o primeiro estudo social aos médicos romanos baseado no CIL, nomeadamente na obra de R. Blanchard, *Épigraphie médicale* (Paris, 1908 e 1915).
- 4 No que toca à produção ibérica destacam-se os contributos de J. L. Cassani acerca da prática da medicina e do ensino da mesma na Espanha Romana (*Cuadernos de Historia de España*, 12, 1949, 51-69); de M. Sanabria Escudero, acerca da medicina emeritense (*Revista de estudios extremeños*, 1964, vol. 20, tomo I); ou da monumental obra *Historia Universal de la Medicina* (1972, Barcelona), concretamente, os capítulos “Medicina helenística y helenístico-romana”, “Galeno” e “Medicina posgalénica”⁴.
- 5 Todavia, note-se que, o facto de a historiografia ter vindo a defender a existência de contrastes entre a civilização grega e a romana, baseados na ideia da preeminência cultural helenística, levou a que se considerasse, por sua vez, a medicina romana como derivação directa da medicina grega (na sua variante hipocrática), concebida como o apogeu da medicina antiga (Sanabria Escudero, 1964: 58-59).
- 6 Hoje, pretende-se afastar, se não mesmo contrariar, a tendência tradicional optando-se por admitir, de forma inovadora, uma evolução alheia da medicina romana. Esta nova análise pode ser vista na monografia *La Médecine à Rome* (Paris, 2006) de J.-M. André, quando se inicia a obra com a temática “un paradoxe culturel: la résistance de Rome à la médecine grecque” onde, explorando as dificuldades intelectuais da integração da medicina helenística, é questionado o carácter subsidiário da medicina romana (André, 2006: 17-58).
- 7 Outra ideia que sobressai na obra relaciona-se com a incorporação de elementos originais romanos. Segundo J.-M. André (2006: 615), esta originalidade encontra-se associada à ideia de “pragmatisme sélectif” do património helenístico extremamente rico e complexo, que contribuiu para o aperfeiçoamento, se não mesmo, reforma dos conceitos de dietética, farmacologia e cirurgia. Estas circunstâncias permitiram concluir que a cultura médica grega se manteve viva justamente porque a medicina latina se revelou uma boa escola, assumindo e desenvolvendo a tripartição pós-hipocrática (André, 2006: 617 e ss).

⁴ Para mais informações bibliográficas vide o estudo de GOZALBES CRAVIOTO e GARCÍA GARCÍA (2009-2010).

- 8 Outra das originalidades implementadas prende-se com o lugar que ocupou a ideia de ‘higiene e saúde’ na civilização romana, explorando-se no cap. VI da mesma obra (André, 2006: 273-332) a influência do clima e da arquitectura para a salubridade pública⁵. Ademais, J.-M. André (2006: 621-22) define a civilização romana como a “civilisation des thermes”, pressupondo a cultura da água como uma realidade cultural que levou à grande difusão do termalismo médico. Inspirada numa política de água, ar fresco e espaços verdes “Rome a apporté à l’urbanisme moderne une doctrine de la propreté et de la salubrité”, que só se voltaria a recuperar nos últimos dois séculos.
- 9 J.-M. André (2006: 147-198) dedica ainda particular atenção à etiologia das epidemias, analisando as suas evidências sob uma perspectiva histórico-arqueológica, desde a república ao final do império; fazendo listagens das patologias verificadas (2006: 199-272); descrevendo as áreas da medicina geral, especialidades e tratamentos (2006: 333-420), não esquecendo ainda o material cirúrgico utilizado (2006: 404-407).
- 10 Embora não se estenda às províncias, constitui uma obra de referência uma vez que oferece uma visão global do legado da escola helenística, complementada com uma análise sócio-cultural dos médicos, das doenças e da arte de curar na Roma Antiga, amplamente apoiada nas fontes literárias (apresentando-se como autores desde agrónomos a arquitetos, como Catão, Varrão, Columela ou Vitruvius; a historiadores como Plínio; a poetas de sátiras como Horácio e Marcial, ou de tragédias como Tucídides); mas também nas epigráficas, complementadas por documentação jurídica, como *Digesto* ou *Codex Theodosianus*, que expressam o enquadramento oficial do exercício da medicina em Roma, nomeadamente, no que toca aos privilégios e isenções da classe (André, 2006: 485-540).
- 11 Por último, a obra termina com uma reflexão acerca da inter-relação entre a medicina romana e a filosofia grega. A chegada de médicos gregos a Roma ocorreu em simultâneo com o fenómeno de conquista, altura em que se depararam não só com um desfasamento cronológico mas também, e sobretudo, cultural (André, 2006: 578-582). O distinto sistema de valores, visíveis nos contrastes ideológicos entre as teses de Hipócrates e Celso, resultou num distinto impacto da recepção do hipocratismo numa geração ciceroniana e pliniana na qual primava o dogmatismo e o empirismo (André, 2006: 97-146).

⁵ Já M. SANABRIA ESCUDERO (1964: 69 e ss) havia estudado para a saúde pública de *Augusta Emerita* a importância das termas, aquedutos, pântanos para abastecimento de água, fontes, etc.

2. APRENDER MEDICINA NA LUSITANIA ROMANA

*Languebam: sed tu comitatus protinus ad me / Venisti centum, Symmache, discipulis.
/ Centum me tetigere manus aquilone gelatae: / non habui febrem, Symmache, nunc habeo.*
(Marc., 5.9)

- 12 A evolução da medicina no império romano apresenta distintas fases diretamente relacionadas com as próprias oscilações político-culturais. Neste sentido, pode identificar-se um primeiro estágio, durante a república, definido por um carácter “pré-científico”, no qual a ocorrência de *pestilentiae* era explicada pela vontade divina
- 13 Nesta primeira fase, o processo de cura de uma enfermidade estaria associado a práticas mágico-medicinais (André, 2006: 49-59) regidas por preceitos tradicionais empírico-naturais (*scientia herbarum*), completados pela invocação de fórmulas mágicas (Sanabria Escudero, 1964: 57; André, 2006: 78-82). Este estágio caracteriza-se ainda pelo emprego de uma medicina patriarcal arcaica, originalmente circunscrita a âmbito doméstico, onde era aplicada a todo o agregado familiar pelo *pater familias* cujos conhecimentos seriam transmitidos de geração em geração.
- 14 Todavia, o carácter supersticioso da época levou a que se continuasse a recorrer frequentemente a práticas religiosas complementares como a *incubatio*⁶, e ao favor dos deuses: *Asklepio*, *Minerva Medica*, *Salus*, *Fontanus/-a*, *Nymphae* ou *Apollo* (André, 2006: 59-60; Bejarano Osorio, 2015: 99 e ss, 121-123). Testemunho de que, em meados do séc. I d.C., os médicos ainda recorriam à tutela das divindades para velarem sobre o seu trabalho, encontra-se na invocação a *Venus* sob o epíteto *Victrix*, feita por *L. Cordius Symphorus* (CIL II 470), um *medicus* emeritense (vide subcap. 4.5).
- 15 Por sua vez, a considerada ‘medicina científica’, que incluía o recurso a instrumentos especializados e a uma extensa farmacopeia, é introduzida em Roma a partir do séc. III a.C., através de indivíduos, escravos e libertos, provenientes do oriente helenístico que, paulatinamente, a foram difundindo por todo o império. Se durante as fases de conquista, o modo mais eficiente de formar médicos seria nos “hospitais” das campanhas militares, onde era abundante o saldo de feridos; terminada esta fase, começam a difundir-se por todas as províncias o que se poderá designar de ‘médicos urbanos’, cuja aprendizagem seria feita nos grandes centros de formação de medicina do Oriente, tais como Alexandria, Atenas, Éfeso, Antioquia, Epidauro ou Pérgamo (André, 2006: 14; Bejarano Osorio, 2015: 133-34); cidades que atrairiam não só médicos profissionais, mas também escravos en-

⁶ Esta prática implicava a permanência num templo até se entrar em contacto com a divindade.

viados pelos seus patronos com o propósito de aí adquirirem conhecimentos que pudessem aplicar em contexto local.

- 16 Porém, se o saber clínico poderia ser obtido através de lições teórico-práticas⁷, a forma mais frequente seria através da assistência dada a um *medicus* durante as suas visitas privadas, observando-se auxiliando o *praeceptor* nas práticas medicinais. Parece então plausível admitir que a capital da Lusitânia tivesse constituído, a Ocidente, um destes centros de ensino⁸ e, como tal, um forte pólo de atracção para os médicos de maior prestígio, cujo objectivo seria servir a elite administrativa⁹. Estas circunstâncias justificam que uma proeminente família de *Olisipo* tenha enviado um dos seus escravos a 250 km, para aí aprender medicina (vide cap. 4.6.7) (Bejarano Osorio, 2015: 134-135).
- 17 Hoje, o acesso ao mundo da medicina e da sua aprendizagem na capital da *Lusitania*, durante os sécs. I-II d.C., é feito à luz das fontes clássicas, arqueológicas e epigráficas.

3. ESTATUTO DO MÉDICO NA SOCIEDADE ROMANA

- 18 Hoje, num mundo onde a profissão de médico é especialmente procurada pelo estatuto socioeconómico a que se encontra ligada, não se torna fácil explicar como o exercício dessa actividade se encontra, em época romana, associado a indivíduos de baixa condição social. Para tal, é necessário ter em consideração que a sociedade romana atribuía um certo estigma social ao exercício de qualquer actividade profissional, uma vez que um verdadeiro membro da elite romana geria os seus negócios, participava em actos públicos político-religiosos e usufruía do *otium*.
- 19 Neste panorama, as actividades, especialmente as de natureza manual, encontrar-se-iam com frequência ligadas a um baixo estatuto económico e social, sendo desempenhadas por escravos e/ou libertos. O exercício da medicina encontra-se precisamente nesta situação. No quadro tradicional romano, os conhecimentos medicinais são reconhecidos essencialmente em indivíduos de origem oriental e, como tal, mesmo que bastante sofisticada, esta actividade

⁷ Ligados ao lado mais teórico da medicina estão os epitáfios de *Naevia Clara* (AE 2001, 263), *medica philologa* de Roma, porventura associada à composição de tratados médicos; ou de *Scantia Redempta*, de *Capua*, *antistis disciplinae in medicina fuit*.

⁸ O exercício da medicina encontra-se bem documentado em *Augusta Emerita* através de evidências que se estendem desde o alto-império a época visigótica (RAMÍREZ SÁDABA e GIJÓN GABRIEL, 1994: 161).

⁹ Para mais informações acerca de pacientes ilustres, desde personagens ligadas à família imperial a personagens da elite governante e intelectual, vide J.-M. ANDRÉ (2006: 421-484).

manteve-se sempre ligada a pessoas que tinham uma condição servil mais ou menos próxima. Por conseguinte, encontra-se bem representada na epigrafia funerária a categoria dos *medici libertini* os quais, em muitos casos, também tiveram um liberto como *dominus* (como o caso de *Nothus* e *C. Heius Primus*, vide cap. 4.7.) (André, 2006: 504).

20 A complexidade social do mundo romano ensina-nos que a condição de escravo variava, consideravelmente, de acordo com as circunstâncias. Alguns escravos, pelas aptidões que possuíam, ganhavam, no contexto de uma família, um estatuto particular, em especial se mantinham um estreito contacto com os seus membros mais proeminentes. Assim, pela relevância do seu saber, alguém com experiência no domínio da medicina gozava, dada a natureza da sua função, de uma situação privilegiada. Não faltariam ocasiões em que a sua intervenção geraria um particular reconhecimento por parte dos *patroni*, o que se traduzia inevitavelmente em especiais condições e elevado prestígio. Não surpreende, por isso, que esses escravos recebam em determinado momento o privilégio da *manumissio*, com a qual passam à condição de libertos. Testemunho paradigmático desta realidade é o caso do vínculo estabelecido entre o escravo *Nothus* e o liberto *C. Heius Primus* (vide cap. 4.6.7).

21 Por outro lado, como aconteceu, em geral, com as actividades profissionais, os romanos desenvolveram uma tendência de criar organismos que reuniam os indivíduos especialistas de determinados ofícios, identificados sob a designação de colégios (*collegia*). Ainda que estes não estejam representados na Lusitânia, podemos, no entanto, encontrá-los em outras províncias, como se verifica, por exemplo, numa inscrição (CIL XIII 11359) da *Gallia Belgica* (proveniente de Metz). Nela se faz uma homenagem fúnebre a *Sex. Publicius Decmanus*, que se apresenta como liberto do colégio dos médicos (*colegii medicorum libertus*). As ligações entre os membros da mesma profissão reflectem-se também na dedicatória (CIL VII 1144) ao médico *C. Acilius Bassus*, no Miseno (próximo de Nápoles), a qual é promovida pelos seus *collegae*.

22 É, de qualquer modo, num universo algo prestigiado, mas de baixo estatuto social, que se desenvolve a profissão, e, necessariamente, se faz a transmissão do saber. Como testemunha o caso emeritense (cap. 4.7.1), o processo de aprendizagem constituía um passo essencial que nem sempre estaria disponível na mesma cidade. Quem adquire fama pelos seus conhecimentos, pode atrair um número considerável de discípulos. Vale a pena, a respeito destas circunstâncias, recordar o poema de Marcial (5.9) com o qual iniciámos este estudo:

‘Estava de cama: mas tu, ó Símaco, vieste logo a casa, / acompanhado de cem discípulos. / Cem mãos frias como o gelo me tocaram; / Não tinha febre, ó Símaco; agora, já tenho’.

23 Não deve surpreender-nos o olhar crítico deste hispânico de *Bilbilis* (actual Calatayud), que apresenta o médico Símaco (sugestivo nome de ressonâncias

gregas, como é frequente neste âmbito) rodeado de uma enorme corte de aprendizes que, nestas circunstâncias, em vez de curar, agravam o estado do paciente. Marcial não perde uma oportunidade para “cortar” em tudo¹⁰. Mas, como se verá, não era esta a perspectiva mais comum a respeito dessa função, certamente uma das mais prestigiadas, também no extremo do mundo romano.

- 24 Na sociedade romana alto-imperial, a ascensão dos profissionais da medicina esteve directamente relacionada com a consideração outorgada a esta actividade, incluída nas artes consideradas *honestae* (Séneca *De off.*, 1, 151). É comum encontrar este tipo de ofícios ao serviço da família imperial, integrando um médico ou equipa médica (mais comum as *obstetrices* ficarem directamente ao serviço das imperatrizes) para velar de forma permanente pela saúde de todos os membros familiares, incluindo os escravos ao seu cuidado (Alonso Alonso, 2011: 278).
- 25 J.-M. André (2006: 516-528) explora na temática da protecção jurídica “le mythe d’une profession anarchique: la législation ancienne”, apontando para que desde o édito de Vespasiano, mas sobretudo na *Constitutio Antoniniana* (*Dig.* XXVII, 1, *De excusationibus*), a medicina liberal tenha beneficiado de isenções fiscais –*exceptio/immunitas*–, concretamente o pagamento dos *tributa* (contribuições públicas) (*Cod. Theod.*, XIII, 3, 1) (André, 2006: 535-537).
- 26 Atendendo, à relevante posição que ocupavam junto da família imperial, os médicos consistiram assim em frequente alvo de doações imperiais, tais como benesses e privilégios. Tome-se o caso de *Antonius Musa* que, em 23 a.C., ao salvar Augusto (mediante a aplicação de tratamentos de hidroterapia), conseguiu elevar-se à classe equestre (Suet., *Aug.*, XXVIII, LIX e LXXXI, 1) (André, 2006: 417 e 528-529). Destaquem-se, neste âmbito, algumas homenagens feitas a outros médicos imperiais, 1) o liberto *Ti. Claudius Tyrannus*, “aprovado por juízo divino do imperador, pela sua capacidade médica e pelo seu carácter” (Syll.3, 807); 2) *Ti. Claudius Menecrates*, médico imperial de nascimento livre, em reconhecimento dos 157 livros de medicina legados (Syll.3, 803).
- 27 Não obstante, é complexa a temática acerca das condições sócioeconómicas e jurídicas, e da remuneração do acto médico (nomeadamente se este estava ou não dependente de um honorário), uma vez que estas variavam de acordo com a diversidade de carreiras. Porém, parece plausível apontar para uma distinção entre a prática da medicina oficial e pública, da liberal, e ainda daquela própria dos médicos de estatuto servil, que J.-M. (2006: 530-535) designa de “dépendante”.
- 28 Neste contexto, muitos médicos, em busca de ascensão social, procuravam ficar ao serviço de membros de importantes famílias da sociedade romana, mudando-se para as grandes cidades onde era maior a clientela, nomeadamente para *Augusta Emerita* que, como capital de província e pólo de atracção a nível regional, exerceu um papel de centro médico de grande importância, acolhendo natural-

¹⁰ Para mais informações acerca das acusações de charlatanismo vide J.-M. ANDRÉ (2006: 415-416).

mente mais profissionais de medicina que os outros núcleos lusitanos (Sanabria Escudero, 1964: 56).

- 29 Este parece ter sido o caso de *Q. Aponius Rusticus* (HEp 6, 1996, 83), originário de *Corduba*, que se estabeleceu na cidade como *medicus ocularius*, uma das especialidades mais desenvolvidas no mundo antigo (Ramírez Sádaba e Gijón Gabriel, 1994: 161). Todavia, no seu caso, a vinda para a cidade, não deverá ter como motivo a sua dimensão ou amplitude demográfica, uma vez que era originário da capital da vizinha *Baetica*. O mesmo motivo parece estar patente no caso do liberto *C. Argentario Heraclidi* (HEp 4, 1994, 146), cujo epitáfio fora descoberto no *conventus Emeritensis* mas o gentílico sugere uma procedência do *conventus Cordubensis*, no qual foram identificados mais de uma dezena de indivíduos com este antropónimo (a maior concentração em âmbito hispânico), enquanto na Lusitânia somente surge em *Emerita* (Grupo Mérida, 2003: 99). Todavia, os movimentos migratórios não foram exclusivos de *Emerita*, encontrando-se também atestados noutras cidades da província, como atesta o caso do liberto *C. Attius Ianuarius* (CIL II 21), originário de *Pax Iulia*, que exerceu a sua profissão em *Mirobriga*.
- 30 Neste contexto, podemos considerar que o padrão geral verificado na Lusitânia se coaduna com a panorâmica atestada no restante mundo romano, no qual o estatuto jurídico da maioria dos indivíduos que exerceu esta profissão seria escravo, liberto ou descendente de indivíduos de estatuto servil. Do mesmo modo, também a condição jurídica das *medicae*, parece esboçar um padrão similar ao dos seus colegas masculinos: embora se possam encontrar *ingenuae* entre elas, a maioria apresenta uma origem ou ascendência servil, como o parece atestar *Iulia Saturnina*, a única médica seguramente confirmada na Lusitânia (vide cap. 4.6). Entre as *obstetrices*, não é possível classificar inequivocamente nenhuma como *ingenua*, sendo esta categoria exercida exclusivamente por escravas, libertas ou mulheres de estatuto peregrino (CIL VIII 24679) (Alonso Alonso, 2011: 272-73).
- 31 Por último, algumas particularidades nos monumentos e/ou textos podem revelar indícios que permitem deduzir um certo nível económico e poder aquisitivo, permitindo atribuir o enriquecimento ao desempenho da profissão, manifestando-se concretamente essa condição de diferentes formas. Em primeiro lugar pela posse de *liberti* (considere-se o epitáfio mandado fazer por *C. Domitius C. l(ib.) Restitutus* ao *medicus C. Domitius Pylades*¹¹). Depois pela associação a monumentos de consideráveis dimensões e rica ornamentação. É o que se constata, por exemplo, no altar funerário de *Iulia Saturnina*¹², composto na face frontal por uma cornija emoldurada e um frontão com um *focus* flanqueado por dois toros; na face lateral direita uma *patera* e na esquerda um *urceus*; e na face posterior, em alto-relevo, um recém-nascido enfaixado (Bejarano Osorio, 2015: 37). Também o altar

¹¹ Vide cap. 5.3.

¹² Vide cap. 5.6.

de mármore de *L. Cordius Symphorus*¹³ se distingue, porque conserva ainda restos de *minium* e decoração nas suas quatro faces: na posterior estão esculpidos uma *capis*, uma *patera* e um *urceus*; nas laterais, *thyrsi*; na face frontal, encabeçada por um frontão triangular ornamentado com uma roseta, ressalta um alto-relevo de uma águia de asas abertas (Bejarano Osorio, 2015: 37). Note-se ainda a estela funerária de *Ianuarius* decorada com um arco completo esculpido em baixo relevo, e uma roseta lateral de 4 pétalas no canto superior esquerdo, o qual, porventura, faria par com outra similar do lado direito, hoje fragmentado.

- 32 Por fim, pela sua frequente vinculação a actos públicos, envolvendo por vezes munificência, reflectindo o seu peso na sociedade. Contamos, deste modo, com homenagens, como as consagradas por *C. Heius Nothus*, em *Emerita*, ao *medicus Atimetus*, em agradecimento pelos seus ensinamentos (HEp 18, 2009, 32); ou com o pedestal de estátua, erigido em *Olisipo*, ao seu *ex patrono*, *C. Heius Primus* (CIL II 196), custeado *de sua pecunia* e mandado implantar num dos espaços públicos mais frequentado, o teatro da cidade. Por outro lado, o patrocínio de festividades religiosas é testemunhado pela inscrição de *C. Attius Ianuarius* que legou, por ordem testamentária, ao *ordo splendidissimus* de *Mirobriga* uma considerável soma de dinheiro para as festividades em honra de *Aesculapius*¹⁴. Note-se que este poderá tratar-se de um médico de carácter público ao serviço de *Pax Iulia* (*medicus Pacensis*), tal como *P. Frontinius Sciscola*, médico *colonorum coloniae Patriciae*, de Córdoba (CIL II 2348).

4. AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

- 33 Na Lusitânia, as principais evidências arqueológicas associadas a médicos romanos remetem para o território de *Augusta Emerita*. As intervenções arqueológicas realizadas entre inícios do séc. XX e a última década, permitiram identificar 5 sepulturas cujo espólio funerário continha toda uma parafernália de *instrumentaria medica*. Entre eles destacam-se dois dos achados mais interessantes do âmbito hispânico, nomeadamente, os braços de uma balança e o único *speculum magnum matricis* conhecido na província (Sanabria Escudero, 1964: 64-65; Bejarano Osorio, 2015: 32).

¹³ Vide cap. 5.5.

¹⁴ Apesar de esta festividade ter sido instituída por Domiciano em honra de *Minerva Medica*, infelizmente não se encontrou nenhum voto a esta divindade consagrado por um *medicus*, enquanto *Aesculapius* surge frequentemente (CIL III 3413 – *Pannonia*; AE 1937,180 – *Pannonia Inferior*; AE 2003, 1541 – *Moesia Inferior*; CIL XIII 6621 – *Germania Superior*; RIB 1028 e AE 1969/1970 291 – *Britania*; CIL VI 19 e 20, IG XIV 967 – *Roma*).

- 34 Na categoria dos instrumentos médico-cirúrgicos descobertos, destacam-se os objectos cortantes como bisturis de bronze (*scalpella*), serras cirúrgicas (*serrula*), navalhas e tesouras de ferro; e os objectos de extracção, como pinças (*vulsellae*) e tenazes (*forcipis*) de ferro. No âmbito da farmacopeia, inserem-se os instrumentos mais comuns usados pelos médicos na Antiguidade, nomeadamente as sondas espatuladas (*spathomele*) e as sondas de ouvidos (*auriscalpium*), os unguentários e a respectiva placa de unguentos (*coticulae*), destinada à preparação de bálsamos e pomadas (Sanabria Escudero, 1964: 66 e ss; Bejarano Osorio, 2015: 20-30 e 87-88).
- 35 Estes *instrumenta* tal como os remédios (*narthecium*) seriam transportados dentro de estojos cilíndricos de bronze (*theca vulneraria* ou *specillothecae*), que se encontram documentados tanto arqueologica como iconograficamente. Neste âmbito destaque-se e a representação figurada que acompanha a inscrição da *medica anonyma* de *Divodurum* (CIL XIII, 4334), onde uma mulher envergando uma túnica, segura uma caixa de instrumentos médicos (Alonso Alonso, 2011: 275; Bejarano Osorio, 2015: 75-80 e 88-91). Em contexto arqueológico lusitano, destaque-se o estojo rectangular com cinco compartimentos internos que albergariam unguentos, descoberto numa dupla sepultura ocupada por um médico e sua esposa, situada numa das áreas sepulcrais mais ricas da cidade, a necrópole oriental “El Disco” localizada num ramal da via que seguia para *Metellinum* (Bejarano Osorio, 2002; *idem*, 2015: 21-25). Num destes compartimentos fora identificada uma substância de uso oftalmológico, o *collyrium*. Também no *signum ocularis*¹⁵, encontrado em *Norba Caesarina* (Cáceres) e datado de época flávia, se distribuía por seis compartimentos, mediante uma forma hexagonal, os distintos *collyria* usados contra infeções oculares. O texto gravado contém em abreviaturas o nome dos medicamentos –*M(elinum)*, *P(soricum)*, *S(tactum)*, *N(ardicum)*, *C(rocodes)*, *Thurin(dum)*–, dos componentes principais, do proprietário e a utilidade da sua fórmula (Sanabria Escudero, 1964: 68; Rémy, 1991: 331-33; André, 2006: 417; Bejarano Osorio, 2015: 111-12 e 141-42).
- 36 Outras evidências arqueológicas que complementam o testemunho da presença de médicos em *Emerita*, além dos típicos instrumentos médico-cirúrgicos, são os instrumentos de escrita, como tinteiros de bronze (*atramentarium*), respectiva tampa (*operculum*)¹⁶ e *stilus* de ferro, datados de meados do séc. I d.C. (Bejarano Osorio, 2015: 21-28).
- 37 Se os vestígios arqueológicos permitem identificar algumas especialidades médicas exercidas em *Emerita*, desde *medicus auricularius* e *ocularius*, a profissionais

¹⁵ *M(elinum) / C(ai) C(aecili) Fortunati / melin(um) ad calig(inem) // P(soricum) / C(ai) C(aecili) Fortunati / psoric(um) ad clar(itatem) // S(tactum) / C(ai) C(aecili) Fortunati / stact(um) ad scab(ritiem) // N(ardinum) / C(ai) C(aecili) Fortunati / nard(inum) ad impet(um) // C(rocodes) / C(ai) C(aecili) Fortunati / crocod(es) ad aspr(itudinem) // Th(urinum) / C(ai) C(aecili) Fortunati / thurin(um) ad papu(las)* (HEp 4, 1994, 252).

¹⁶ Em cujo fundo se pode ler +AM.URSEIVS ou +A.MVRSEIVS, indicando uma oficina da qual não existem ainda testemunhos (BEJARANO OSORIO, 2015: 94).

da odontologia e obstetrícia; os testemunhos epigráficos ajudam a completar este panorama como pode verificar-se através das referências a um *medicus chirurgus* (CIL VI, 3986); ou a um *medicus clinicus*, da *Umbria* (CIL XI 5400). Para a Lusitânia temos apenas referência à especialidade profissional de *C. Aponius Rusticus* (HEp 6, 1996, 83), um *medicus ocularius*, confirmada também através de vestígios arqueológicos.

5. AS EVIDÊNCIAS EPIGRÁFICAS

38 A *Hispania* conta hoje com cerca de 25 testemunhos epigráficos de médicos romanos, face aos 19 contabilizados por B. Rémy (1991, 321-23). Para o seu estudo, a Epigrafia constitui a principal e mais detalhada fonte de informação para aceder não só aos nomes como às respectivas especialidades médicas, proveniência, estatuto jurídico, posição e relações sociais.

39 Tendo em conta a concentração de médicos no universo das províncias hispânicas, com base no anexo B, tabela 2¹⁷, e anexo C, gráficos 1 e 2 foi possível concluir que a Bética constituiu a província com o maior número de evidências, 10 testemunhos, contendo 40% dos testemunhos da Hispânia; seguida de perto pela Lusitânia, com 9 testemunhos, abrangendo 36%; e, por último, a Hispania Citerior com 6 testemunhos, correspondendo aos restantes 24%.

40 Por outro lado, numa abordagem ao âmbito das principais cidades da província, verifica-se que *Emerita* contém a maior concentração de médicos na Hispânia (6 testemunhos na área urbana – 5 dos quais pertencentes a indivíduos do género masculino –, e somente 1 testemunho no *ager*) correspondendo a 24% do total hispânico, percentagem igual ao conjunto de testemunhos identificados para a H. Citerior, seguida por *Gades* com 5 testemunhos (20%), e *Corduba*, com 2 testemunhos (8%).

41 Segue-se uma breve análise às problemáticas das inscrições dos médicos lusitanos.

5.1. *P. Sertorius Niger, medic(us)* (HEp 7, 1997, 122)

42 Placa de mármore descoberta em 1978 durante as escavações realizadas no Parque de la Rambla de Santa Eulalia, em Mérida (Rodríguez, 1984: 126-27), datada da primeira metade do séc. I d.C. O texto refere que *P. Sertorius Niger* man-

¹⁷ Registam-se na tabela 2, a vermelho, os testemunhos considerados *incerti* e, por isso, não contabilizados quantitativamente para o estudo.

dou fazer o epitáfio para si, seu pai *P. Sertorius*, sua esposa *Cecilia Urbana* e para a sua irmã *Sertoria Tertulla*. Esta inscrição recorda ainda o facto de o seu herdeiro e sobrinho, *M. Didius Postumus*, usar parte do património herdado para mandar levantar uma estátua em honra do médico (Remy, 2010: 95-97; Bejarano Osorio, 2015: 36).

- 43 Atendendo ao uso dos *tria nomina* e à onomástica latina, *P. Sertorius Niger*, parece constituir o único médico de *Augusta Emerita* que seria um *ingenuus*, uma vez que o seu pai, *P. Sertorius*, parece também ele ter usufruído da cidadania romana, identificando-se mediante a estrutura *praenomen* + *nomen*, onde a ausência de *cognomen* sugere que tenha vivido antes de 50 d.C. (Edmondson, 2004: 330-31; *idem*, 2009: 123).

5.2. *Q. Aponius Rusticus, medicus ocular(ius), patriciensis* (HEp 6, 1996, 83)

- 44 Em 1987, aquando da escavação de uma importante área funerária na Avda. Juan Carlos I nº39, 41, 43 foi reencontrada, em contexto de reutilização, a placa funerária do médico *Q. Aponius Rusticus*, datada de época flávia (Ramírez y Gijón 1994: 130).

- 45 Este epitáfio retrata um imigrante da *Baetica* em *Emerita*, nomeadamente, um oculista originário de *Corduba*, uma vez que o designativo *patriciensis* representa um étnico que remete para a *Colonia Patricia*. O médico fora sepultado juntamente com *Aponia Q. l. Mandata*, cuja coincidência de gentílico aponta para que fosse sua liberta (ou *colliberta* com ele da mesma família de escravos) que, a dado momento, se convertera em sua esposa. O texto menciona ainda outra personagem *Eucharis*, descrita como *soror*, possivelmente irmã de *Aponia Mandata*, ainda que não seja absolutamente claro com quem partilha este grau de parentesco. Por outro lado, o facto de surgir identificada através de um *nomen unicum* de origem grega aponta para que tivesse mantido a condição servil, enquanto a sua irmã, casando com *Q. Aponius Rusticus*, recebesse com a *manumissio*, a liberdade e o seu nome (Ramírez Sádaba e Gijón Gabriel, 1994: 161; Edmondson, 2004: 330-31; Bejarano Osorio, 2015: 22 e 35).

- 46 Note-se que, em âmbito hispânico, o nome *Mandata* surge somente atestado em dois testemunhos (Grupo Mérida, 2003: 225), este e outro descoberto na mesma necrópole¹⁸, juntamente com um indivíduo designado de *augustalis*. Ainda que seja tentador relacionar as duas personagens, sobretudo porque a terminação [...]ensis convida a pensar tratar-se do étnico *patriciensis* usado pelo médico, afigura-se mais provável a reconstrução [...] *Emerite*]nsis (Ramírez Sádaba e Gijón Gabriel, 1994: 159-61). Por outro lado, o termo *augustalis* em vez de remeter para o cargo de sa-

¹⁸ [...] *au*]gustalis / [...]nsis / [...] *Mandatae*, datada de finais do séc. I/inícios do II (HEp 6, 1996: 81; RAMÍREZ SÁDABA e GIJÓN GABRIEL, 1994: 128).

cerdote do culto imperial, poderá ser antes visto como *cognomen* (Ramírez Sádaba e Gijón Gabriel, 1994: 161-162; Edmondson, 2009: 121).

- 47 Ainda que a relação matrimonial que mantém com a liberta *Aponia Mandata*, possa sugerir que também *Q. Aponius Rusticus* tivesse partilhado o mesmo passado servil. Porém, como relembra B. Remy (2010: 90-91), a vinculação ao meio servil não pressupõe obrigatoriamente tal condição jurídica, levando Ramírez Sádaba e Gijón Gabriel (1994: 130) a considerá-lo um *ingenuus*, atendendo ao uso de *tria nomina* de origem latina e à proveniência de uma colónia romana, *Corduba* (Remy e Gallego Franco, 1999: 226-229). O estatuto social é então mantido como incerto constituindo, porém, muito possivelmente, um liberto ou seu descendente.

5.3. *C. Domitius Pylades, medic(us)* (HEp 6, 1996,102a)

- 48 Este epitáfio encontra-se inserido no canto esquerdo de uma monumental lápide funerária, encontrada em contexto de reutilização na mesma necrópole onde fora identificada a inscrição anterior (Ramírez y Gijón, 1994: 149-150, nº 22). A placa sepulcral colectiva (61 x 213 x 9.5 cm) destinava-se a ser embutida na fachada de um *columbarium*, possivelmente implantado num terreno pertencente a um *collegium* de *liberti*, promotores da construção do mausoléu. Nela, se encontram outros cinco *tituli sepulchrales*, cujos indivíduos não aparentam ter mantido qualquer tipo de relação entre si.
- 49 Atendendo à paleografia e à ausência de simetria no campo epigráfico, os epitáfios parecem ter sido gravados sucessivamente, podendo distinguir-se três momentos distintos nos quais o texto de *Domitius Pylades*, atendendo à uniformidade dos traços e à simplicidade de fórmulas, parece remeter para um momento intermédio porventura, para época flávia (Ramírez Sádaba e Gijón Gabriel, 1994: 151-153).
- 50 No que toca ao estatuto jurídico, não obstante a posse dos *tria nomina*, o uso de um *cognomen* de origem grega, muito comum entre escravos, aponta de imediato para uma origem servil, sustentada pela relação de matrimónio que contraiu com a liberta *Cornelia Maurilla*, a qual manda fazer o epitáfio em conjunto com *C. Domitius Restitutus*, um liberto do próprio médico.
- 51 Por último, destaque-se o uso da fórmula *te rogo praeteriens [u]t dicas sit tibi terra levis*¹⁹ que, apesar de não ser uma despedida inédita em *Emerita*, demonstra o interesse em dar um carácter diferenciador à inscrição (Ramírez Sádaba e Gijón Gabriel, 1994: 165-166; Bejarano Osorio, 2015: 35-36).

¹⁹ “Caminhante, peço-te que digas: “que a terra te seja leve!””.

5.4. *Ianuarius D(omiti) Percae ser(vus), medicus* (CIL II 5389)

- 52 Depositada no Museo Arqueológico Provincial de Sevilla (nº inv. R.O.D. 2623), a questão da proveniência original da inscrição tem vindo a ser sucessivamente debatida, sugerindo-se Villafranca de los Barros, 45 km a sul de *Emerita* (uma das áreas mais férteis do *ager Emeritensis*), como localização mais provável.
- 53 Nos finais do séc. I d.C., *Ianuarius*, um médico de estatuto servil, é homenageado numa estela funerária de mármore das pedreiras de Estremoz, cuja tipologia deriva estilisticamente dos monumentos funerários itálicos²⁰, mas que em *Emerita* se encontra sincretizada com a arte funerária local (Edmondson, 1993: 30-31).
- 54 No que toca às duas personagens mencionadas, tanto *Ianuarius* como *December* ostentam *cognomina* derivados dos nomes dos meses, moda frequentemente usada por escravos, marcando o mês de nascimento ou de chegada à nova família. Por sua vez, metade dos testemunhos do nome *Ianuarius* na Lusitânia concentram-se em *Emerita* (Grupo Mérida, 2003: 195), encontrando paralelos noutros escravos²¹, nomeadamente, *C. Attius Ianuarius, medicus Pacensis*, que ofereceu uma dedicatória a *Aesculapius* em *Mirobriga* (CIL II 21).
- 55 Por outro lado, verificam-se algumas problemáticas na identificação do seu *patronus*, que evidencia uma estrutura de *duo nomina*, na qual o gentílico surge abreviado através de uma letra única²² –*D(omitius/-a?)*–, fenómeno comum em *Emerita* (Edmondson, 1993: 32). Se este é um *nomen* frequente na Hispânia, pelo contrário, o *cognomen Perca* não encontra paralelos em âmbito hispânico, sendo considerado por isso um *hapax*²³ (Rémy, 1991: 340). Este consiste no termo latino para designar a espécie piscícola “perca”, podendo associar-se aos restantes *cognomina* que derivam de nomes de peixes, como *Sarda* ou *Orata*, usualmente usados por homens, sugerindo-se então *D(omitii) Percae* como leitura mais provável.
- 56 No que toca ao dedicante, *C. Ir[?]us December* (l.6), têm-se vindo a apresentar distintas variantes de leitura do gentílico, nomeadamente, *C. Ir[ti]us* (Rémy, 1991: 339); ou *C. Ir[ri]us* (CIL II 5389; HEp 4, 1994, 190). Não obstante a última hipótese encontrar paralelos em Gades (ILER 5400) e no norte de Itália (CIL V 2415, 2419, 7455), é plausível estarmos antes perante uma forma não aspirada do nome *Hirrius*, identificada em *Olisipo* (CIL II 217); *Corduba* (CIL II 2282); e *Singilia Barba*

²⁰ Não obstante serem reduzidos os paralelos na Hispânia, este tipo de estela era comum na Itália Central, na *Gallia Cisalpina* e em centros militares ao longo das fronteiras do Reno e do Danúbio (EDMONDSON, 1993: 9-11).

²¹ Destaque-se também de *Augusta Emerita*, *Ianuarius* escravo de *Venustus* (CIL II 505).

²² Para mais exemplos similares vide J. EDMONDSON (1993: 32, nota 96).

²³ Note-se que o *cognomen Luperca* surge frequentemente atestado no império. Tenha-se como paralelo a inscrição de Roma *Domitiae Lupercae Domitius Vitalio marit(ae) dulciss(imae)* (CIL VI 17019).

(HEp 2, 1990, 462-63). Todavia, a hipótese de se ler *C. Ir[ti]us* não pode ser definitivamente excluída, uma vez que é mais comum o *gentilicium* aspirado (*H*)irtius que (*H*)irrius.

- 57 Atendendo a este panorama, se se aceitar a proposta de B. Remy (1991), *Ianuarius* e *December* não seriam escravos do mesmo patrono: *Ianuarius* seria escravo de um *D(omitius?) Percae* e *December* liberto de um *C. Ir(ti)us*, pertencendo ambos a distintas famílias de escravos. Neste sentido, o termo *frater* poderá não entender uma ligação familiar consanguínea (Edmondson, 2009: 120).

5.5. *L. Cordius Symphorus, medicus* (CIL II 470)

- 58 Destaca-se, em primeiro lugar, a qualidade estética do altar votivo dedicado por um *medicus*, nos inícios do séc. II d.C., a *Venus Victrix*. Encontrado próximo da cidade de Cápera (Rodríguez, 1940: 33-36; Sanabria Escudero, 1964: 61-62), fora desenhado no séc. XVII e, posteriormente, transcrito por Hübner (1894: 465-466).
- 59 Na face frontal destaca-se o alto-relevo de uma águia de asas abertas, emblema legionário e, animal associado a I.O.M. e ao poder imperial (Bejarano Osorio, 2015: 37). Não obstante o culto a *Venus* sob o epíteto “vitoriosa” se encontrar exclusivamente representado, em âmbito militar, na área lusitano-galaica, neste caso parece estarmos antes perante uma influência militar na ideologia religiosa, sendo invocada *Venus Victrix*²⁴ como símbolo da “victoire sur la maladie” (Rémy, 1991: 327). A exaltação da vitória médica surge assim como exemplo paradigmático da complexidade que assumiu o culto a esta divindade no império (Mantas, 2002a: 112; *idem*, 2002b: 119 e 122).
- 60 No que toca ao dedicante, *L. Cordius Symphorus*, apesar de se identificar mediante o uso dos *tria nomina*, ostenta um *cognomen* comum de origem grega que sugere tratar-se de um liberto ou seu descendente, tal como o *medicus* *C. Domitius Pylades* ou *C. Argentario Heraclidi* (HEp 4, 1991, 146) (Rémy, 1991: 328).

5.6. *Iulia Saturnina, medica optima* (CIL II 497)

- 61 O conhecimento acerca da presença feminina no mundo da medicina romana é muito limitado. Porém, a existência de médicos dos dois géneros encontra-se bem atestada tanto nas fontes jurídicas (*Codex Iustinianus* V, 43, 3), como nas fontes

²⁴ Vide outros exemplos *Venus Victrix Parthica, Dalmatia* (CIL III 270); *Venus Victrix et Jupiter Optimus Maximus Heliopolitanus, Panonia* (CIL III 11139, 1140); *Venus Victrix Hyblensis, Sicilia* (CIL X 7013); *Venus Victrix Africa Caelestis, H. Citerior* (AE 1976, 312); *Venus Victrix Augusta, Mirobriga* (CIL II 23).

literárias, nomeadamente, na poesia satírica de Marcial (Epigr., XI, 71) ou Juvenal (sat. II, 141). Destaque-se ainda o testemunho de Plínio (NH, XXVIII.81-83, 135 e 246) que atesta a existência de autoras de tratados de medicina (André, 2006: 506-07).

62 A sua existência, ainda que minoritária, encontra-se ainda atestada na epigrafia através dos termos *medica*, profissional dotada de conhecimentos de medicina geral que os aplicava quer a homens como mulheres; e *obstetrix*, mais ligada à ginecologia e à assistência a partos²⁵ (vide anexo A, fig. 1) (Alonso Alonso, 2011: 267-68).

63 Da Hispânia possuímos somente três testemunhos de *medicae*, designadamente *Iulia Saturnina* de Emerita, *Iulia Medika* de Gades²⁶ e *Ambata Medica* de Lara de los Infantes²⁷. Todavia, estes casos têm de ser analisados com precaução, uma vez que, na maioria das inscrições que retratam seguramente *medicae*, a designação da profissão surge posteriormente ao nome e filiação. Porém, este não é o caso dos dois últimos exemplos.

64 Ademais, uma característica comum à área celtibérica (Hispânia Citerior e parte dos territórios do norte da Lusitânia) consiste na identificação através da estrutura *duo nomina* de origem indígena, seguidos da filiação²⁸. Consideramos então que, tanto em *Iulia Medika* como em *Ambata Medica*²⁹, o termo não remete para a profissão, mas alude antes ao respectivo *cognomen*³⁰ (Albertos, 1966: 153).

65 No caso de *Iulia Saturnina*, a única médica atestada na Lusitânia, que faleceu aos 45 anos, também ela tem vindo a ser eliminada da categoria das *medicae* (Sanabria Escudero, 1964: 63-65; Ramírez Sádaba e Gijón Gabriel, 1994: 161, nota 30 e 31). A homenagem é realizada pelo marido, *Cassius Phillipus*, que enaltece os seus *merita* profissionais, caracterizando-a de *uxori incomparabili, medicae optima* e *mulieri sanctissimae*.

²⁵ Esta opinião, no entanto, não é consensual. J.-M. ANDRÉ (2006: 417-418 e 505) defende que os termos *medica* e *obstetrix* (ou *iatromaea*) poderão ambos designar uma parteira.

²⁶ *Iulia* · *L(uci)* [f(ilia)] / *Medika* · *a[n(norum) - -]* / *k(ara)* · *s(uis)* · *h(ic)* · *s(ita)* · *e(st)* · *s(it)* · *t(ibi)* [t(erra) · *l(evis)*] (HEp 11, 2001, 196).

²⁷ A inscrição surge tanto no *corpus* ERLara 81 onde se pode ler *Ambat(a)e Me(d)icae Placi(di) f(iliae) an(norum)* LXXV; como *Ambata Placidi f(ilia) medica* (HEp 4, 1994, 199), leitura abreviada e com a ordem original dos elementos trocada de modo a justificar-se o termo *medica* como indicativo de profissão. Consideramos pois, estes testemunhos, como duas leituras distintas da mesma inscrição.

²⁸ Tomem-se como exemplos, *Ambatae [D]essic[a]e Rufi [f(iliae)]* (AE 1983, 600) e *Ambata Betuca Ambati f(ilia)* (ERLara 60), de Lara de los Infantes; *Fabio Silvino [A]mbatus f(ilio)* (CIL II 2790), da Clúnia; ou *Metelio Reburro Ambati f(ilio)* (HEp 10, 2000, 102), *Ambata(e) Peditag(a)e Ambati [f(iliae)]* (HEp 10, 2000, 87) e *Ambatae Medicae Verati f(iliae)* (HEp 10, 2000, 81) de Belorado (Burgos).

²⁹ Enquanto B. Rémy (1991, 347-48) refere *Ambata* como *medica* no seu estudo acerca dos *medici* hispânicos, na mais recente compilação de *medicae* do ocidente romano esta inscrição já não é considerada (ALONSO ALONSO, 2011: 269).

³⁰ O termo *medicus* surge como *cognomen* também em CIL VI 19089 e 25250; CIL X 8089.

- 66 Um dos factores que tem provocado o debate centra-se no alto-relevo de um recém-nascido que surge na parte posterior da ara, que levou alguns investigadores a classificarem *Iulia Saturnina* como *obstetrix* (Edmondson, 2009: 122). Todavia, podem apresentar-se alguns argumentos contra esta hipótese. A distinção terminológica da nomenclatura *medica* vs. *obstetrix* (note-se que em nenhuma inscrição os termos surgem associados) parece pressupor uma diversificação profissional.
- 67 Por outro lado, não deixa de ser interessante observar que nos *columbaria* onde surgem mencionadas equipas médicas mistas, nunca coincide um *medicus* e uma *medica*, surgindo sempre no seu lugar uma *obstetrix* (note-se porém que, até hoje, não foi identificada nenhuma *obstetrix* na *Hispania*). Este facto levou M^a. A. Alonso (2011: 281) a questionar “hasta que punto esto pueda tener que ver con el hecho de que ambos tuvieran competencias similares”.
- 68 No que toca ao estatuto jurídico das *medicae*, no estudo de M^a. A. Alonso (2011) acerca da medicina romana no feminino, foi considerado um *corpus* de 55 testemunhos do Ocidente romano. Não deixa de ser significativo que entre as 23 *medicae* se encontrem 7 *ingenuae*, mas nenhuma entre as 32 *obstetrices*. ‘*Obstetrix*’ parece então corresponder a um termo que surge exclusivamente vinculado a mulheres libertas ou escravas (Alonso Alonso, 2011: 281).
- 69 Neste contexto, o estatuto social da médica emeritense revela-se um ponto controverso, mas regista-se a ausência da filiação, o *cognomen Saturninus/-a* frequente entre escravos, e o vínculo matrimonial com *Cassius Phillipus*, que ostenta um *cognomen* de origem grega (Rémy, 1991: 330). Atendendo a estas circunstâncias, é plausível sugerir que também ela tivesse partilhado um passado servil (Edmondson, 2004: 330-31; *idem*, 2009: 123), ainda que, de forma mais segura, se tenha proposto um estatuto incerto (Alonso Alonso 2011: 284).
- 70 A invocação aos Deuses Manes, o uso abundante de adjectivos superlativos e o formulário utilizado datam a inscrição da 2^a metade do séc. II/inícios séc. III d.C. (Rémy, 1991: 330; Alonso Alonso, 2011: 284).

5.7. *Atimeto medic(o) ser(uo)* (HEp 18, 2009, 32)

- 71 Em 1995, no decurso de escavações arqueológicas realizadas pelo Consórcio Monumental de Mérida foi descoberta uma necrópole tardo-romana, fora do *pomerium* da cidade, localizada na via sudeste *Emerita-Corduba*. Nela fora identificada uma pequena placa de mármore da região de Estremoz-Borba (vide anexo A, fig. 2), datada dos anos 45-55 d.C., em reutilização numa parede exterior de uma sepultura (Edmondson, 2009: 117-120; Remy, 2010: 89-96).

- 72 A leitura não deixa espaço para controvérsias³¹: um estudante de medicina (*discens*), *Nothus*, escravo de *C. Heius Primus*, manda fazer a inscrição a um médico local, *Atimetus*, escravo de *M. Iulius Rufinus*. O nome *Atimetus*³², de origem grega, encontra-se bem representado no âmbito hispânico, sobretudo na Lusitânia, sendo maioritariamente usado por escravos (Grupo Mérida, 2003: 103).
- 73 No que toca à estrutura de identificação, afigura-se muito comum, em *Emerita*, a referência completa do nome do *patronus*³³, como sucede na inscrição de *Ianuarius D(omiti) Percae ser(vus)*, também ele um *medicus* de origem servil (Edmondson, 2009: 122-23). Por seu lado, o patrono de *Atimetus*, *M. Iulius Rufinus* ostenta um dos *cognomina* mais frequentes na *Lusitania*, verificando uma considerável concentração na capital (Grupo Mérida, 2003: 282-284, mapa 257).
- 74 Todavia, um dos aspectos que não deixa de ser problemático reside na função da placa. Não obstante a inscrição ter sido descoberta (em reutilização) num contexto funerário, esta não parece tratar-se de um epitáfio. Note-se, ademais, a ausência de um formulário funerário, oportunidade que não foi deliberadamente tomada, uma vez que existe espaço suficiente no final da inscrição para a gravação de uma fórmula como *h(ic) s(itus) e(st)* (vide anexo A, fig. 2).
- 75 Por outro lado, embora a sua tipologia encontre paralelos em numerosas placas funerárias de *Emerita* do séc. I e inícios do séc. II d.C., estas correspondem a placas monumentais, contrastando com a placa de *Atimetus* que observa reduzidas dimensões (32.5 x 47 x 6 cm). Além disso, se na maioria das placas funerárias de *Emerita* o defunto é referido em nominativo, nesta inscrição encontramos o dativo *Atimeto* (mais comum a partir do séc. II d.C.) próprio de âmbito honorífico³⁴ (Edmondson, 2009: 117-118).
- 76 Neste contexto, embora o uso do dativo não exclua de imediato a possibilidade de se tratar de um texto funerário, torna mais provável estarmos perante uma homenagem mandada fazer pelo seu aluno. Ademais, o afeiçoamento lateral e posterior sugere que a placa tivesse sido concebida para ser embutida num monumento³⁵, porventura sob um nicho onde estaria a estátua em honra do médico, possivelmente nas proximidades da sua sepultura (Edmondson, 2009: 119-120).

³¹ *Atimeto medic(o) / M(arci) Iuli Rufini ser(uo) / Nothus discens / C(ai) Hei Primi ser(uus) / (vacat)*.

³² Destaquem-se em Roma outros exemplos de médicos com mesmo nome: *Atimeto, medico* (CIL VI 8896) e *P(ublius) Attius Atimetus Aug(ustalis?) medicus ab ocul(is)* (AE 1961, 116).

³³ Vide outros exemplos em J. EDMONDSON (2009: 122, nota 23).

³⁴ Atente-se a outras homenagens que também utilizam o dativo: *C. Voconius C. f. Pap*, sua esposa *Caecilia Anus* e sua filha *Voconia C. f. Maria* (AE 2000, 691), encontrada na fachada do mausoléu familiar dos *Voconii* na necrópole de “Los Columbarios” em *Emerita* (MÁRQUEZ PÉREZ, 2006, 102-103); *M. Cornelius Pollio*, *M. Cornelius Urbanus* e *M. Cornelius Celer* (ILER 5809); *M. Servilius, Pompeia Helena*, *M. Servilius Tertius* e *M. Servilius Pollio* (ERA 368); ou a [...] *Rufus*, um veterano da *legio X Gemina P(ia) F(idelis)* (ILER 5668).

³⁵ Tenha-se como paralelo a ara retrato de *Aefulanae* dedicada pelo *magister Philodamus* (HEp 4, 169); a fina placa com a homenagem a *M. Iulius Balbus*, destinada a ser fixada na base da sua

5.7.1. *Nothus* e a relação *Olisipo-Emerita*

- 77 A inscrição que *Nothus* consagra a *Atimetus* revela-se de extraordinário interesse para compreender diversos aspectos relacionados não só com a aprendizagem de um ofício de particular relevância, o de médico, no contexto da Lusitânia romana, mas sobretudo para acedermos à mobilidade geográfica e aos intercâmbios sociais estabelecidos entre *Olisipo*, o principal porto comercial da Lusitânia, e *Emerita*, a sua capital administrativa.
- 78 Em resultado do seu estatuto, a colónia adquiriu uma nova projecção que determinou o seu desenvolvimento posterior, evoluindo de forma distinta de cidades como *Astigi*, *Caesaraugusta* ou *Scallabis*, capitais de *conventus* (Saquete Chamizo, 1997: 21, 65-66, 165). Ao concentrar em si os órgãos administrativos e as instituições religiosas, *Emerita* assumiu funções de lugar central, convertendo-se em sede do *concilium provinciae Lusitaniae* e, como tal, ponto de atracção chave a nível provincial para quem pretendia satisfazer as suas ambições políticas e económicas (Saquete Chamizo, 1997: 141-44; Edmondson, 2004: 326-29 e 356).
- 79 A presença, ainda que temporária, de agentes da administração central e membros da elite lusitana (governadores, procuradores, militares, magistrados e sacerdotes) que permaneciam esporadicamente na capital, estimulou significativamente a economia local. Com uma população estimada entre 30 000 e 50 000 habitantes, *Emerita* constituiu o maior centro urbano da província, contando com uma distinta composição social deu lugar a particulares oportunidades económicas: “se desarrolló aquí una economía mucho más diversa y próspera que en ninguna otra ciudad lusitana, salvo tal vez en *Olisipo* (Lisboa)” (Edmondson, 2004: 356-57).
- 80 *Olisipo*, principal cidade lusitana de cariz portuário, deveu a sua prosperidade económica à localização estratégica na entrada do estuário do Tejo, escala importante da navegação atlântica e centro de redistribuição de bens para toda a província (Mantas, 1994: 70-71). Uma das características comum aos importantes portos do império centra-se numa activa permeabilidade social, que proporciona o contexto sociopolítico ideal ao florescimento da classe dos libertos que têm nas actividades comerciais a sua principal fonte de enriquecimento³⁶.
- 81 Por conseguinte, uma das características populacionais mais marcantes de *Olisipo* assenta na concentração de um grupo de onomástica grega (o mais abun-

estátua (ILER 6088); ou a inscrição de *P. Sertorius Niger* (HEp 7, 1997, 122) que confirma a erecção de uma estátua sua.

³⁶ Destaque-se a maior facilidade de que gozavam os *liberti*, face aos *ingenui*, na participação nas actividades comerciais, ao usufruírem de vantagens vedadas aos homens livres. Os membros da elite recorriam aos seus libertos como intermediários para o desenvolvimento de trocas comerciais, permitindo que estes ganhassem parte do valor dessas transacções, enquanto a aristocracia se voltava para a posse e exploração da terra (ANDREU, 1998: 45-46).

dante em território nacional), justificada pela numerosa concentração de libertos na cidade³⁷ (Étienne, 1958: 156; Saquete Chamizo, 1997: 149-53 e 162; Andreu, 1998: 47).

82 Neste âmbito, atendendo à pouca difusão do *cognomen Nothus* no império (Grupo Mérida, 2003: 250), e à raridade do gentílico *Heius* na Lusitânia³⁸, foi possível identificar seguramente o estudante *Nothus* que havia dedicado uma placa ao médico *Atimetus* em *Emerita*, como o escravo de uma proeminente família de *Olisipo* de meados do séc. I d.C., cujo patrono seria *C. Heius primus*, liberto e *augustalis perpetuus* (CIL II 183), que em 57 d.C., financiou importantíssimas reformas no teatro da cidade³⁹, das quais se destaca a ornamentação do *proscenium* e da *orchestra* (Edmondson, 2009: 117-118). Construído durante o reinado de Augusto, recebe um considerável embelezamento em mármore sob Nero, como revelam os dados epigráficos⁴⁰ e as escavações arqueológicas (Moita, 1970; Hauschild, 1990; Diogo 1992; Fernandes, 2001 e 2006; Edmondson, 2009: 124).

83 O facto de esta proeminente família ter enviado um dos seus escravos para uma cidade distante 250 km, a fim de obter conhecimentos médicos, confirma que *Emerita* havia funcionado como centro médico regional no ocidente do império (Edmondson, 2009: 118). Podemos também imaginar que *Atimetus* havia ganhado um certo prestígio como médico uma vez que conseguira atrair um estudante de uma distância considerável, recebendo-o como seu assistente prático em troca do ensino de técnicas de trabalho (Edmondson, 2009: 123-24). Por outro lado, este facto sugere que *C. Heius Primus* já beneficiasse de ligações sociais com indivíduos da capital, que possibilitaram a oportunidade de *Nothus* adquirir conhecimentos com um conhecido médico (Edmondson, 2009: 126).

³⁷ Destacam-se *Iluro* e *Baetulo* na Bética como outros portos que evidenciam uma grande concentração de libertos.

³⁸ Note-se, porém, que *Heius* consiste num gentílico raro na *Lusitania*, estando atestado unicamente em *Olisipo* (Grupo Mérida, 2003, 189), onde um dos seus membros, *C. Heius Primus* (liberto ou descendente de libertos de um dos *C. Heius* que atuaram como *negotiatores* no Mediterrâneo Oriental), havia doado a ornamentação do teatro da cidade (FERNANDES, 2005: 34-35; EDMONDSON, 2009: 126).

³⁹ Em 1985, um fragmento de outra inscrição surgiu em reutilização num edifício próximo das ruínas do teatro - [*C(aius) Hei]us Primus dedit* (FE 257). Pela tipologia parece corresponder a parte de um grande lintel que poderia ter figurado no arco da entrada do *aditus maximus* do teatro ou num edifício adjacente, comemorando novamente a generosidade de *C. Heius Primus* (EDMONDSON, 2009: 125).

⁴⁰ A datação é dada pela titulatura de Nero. Saliente-se a correcção de A. U. Stylow (2001, 145, n.27), do genitivo *NERONI* para o ablativo *NERONE*, considerando-o em elemento de datação e não uma dedicatória imperial. A importância dada ao imperador, que ocupa 4 dos 5 nichos do *proscenium*, justifica-se pelo dedicante se tratar de um *augustalis*. Por outro lado, o facto de a letra “E” no final de *Nerone* não surgir do desenho de 1798 do arquitecto Francisco Xavier Fabri, pode explicar-se pela gravação ter ocorrido na junta de dois silhares, tal como ocorreu com o “T” de *ornamen[t]is*, perdendo-se as linhas transversais.

- 84 Numa tentativa de reconstrução da linha cronológica, podemos pensar que, quando terminada a formação médica, mas antes de voltar à sua cidade de origem, *Nothus* mandara fazer uma inscrição em agradecimento ao seu professor pelos ensinamentos recebidos⁴¹ (Edmondson, 2009: 126). Posteriormente, regressa a *Olisipo* onde recebe a *manumissio*. Em agradecimento manda fazer um pedestal honorífico, mandado colocar no teatro de *Olisipo*, que suportaria a estátua do *augustalis perpetuus C. Heius Primus*⁴².
- 85 Neste pedestal, o médico surge designado de *C. Heius Primi lib. Nothus*, juntamente com uma liberta da mesma família de escravos, *Heia Primi l[ib.] Elpis* com a qual havia contraído uma relação de *contubernium*. Desta união, contam-se 4 descendentes, *Heia Notha Secunda*, *C. Heius Nothi f. Gal. Primus Ca[t]o*, *Heia Nothi f. Chelid(a)* e *T. [H]eius Nothi f. Gal. Glaphyrus Nothian/[us?]* ostentando três deles um elemento onomástico grego. Os últimos três indivíduos podem ser seguramente considerados *ingenui*, dada a menção da filiação e pertença à tribo *Galeria*, tendo nascido, portanto, após a manumissão dos pais. O caso de *Heia Notha Secunda* é mais controverso uma vez que, atendendo às normas da identificação, esta teria nascido quando a mãe seria ainda escrava de *C. Heius Primus*, sendo posteriormente também ela manumitida (Andreu Pintado, 2004: 251-252; Fernandes, 2005: 29-31 e 33-35; Fernandes *et al.*, 2006/07: 109). Todavia, tendo em conta a leitura do nome dos restantes descendentes, J. Edmondson (2009: 125), alerta para um possível erro de leitura, sugerindo como transcrição mais correcta *Heia Nothi f. Secunda*, tendo então também ela um nascimento livre.
- 86 Estamos assim perante uma família de origem servil, composta agora por cidadãos romanos com duplos *cognomina*, que gozaria de um apreciável poder económico, cuja riqueza derivaria das oportunidades de transacção comercial oferecidas por uma cidade portuária como *Olisipo* (Edmondson, 2009: 125).

⁴¹ Esta realidade encontra paralelos no mundo romano, p. ex., em Roma, a esposa do médico *M. Aurelius Ianuarius*, em conjunto com os alunos, manda fazer o seu epitáfio (CIL VI 10009). Ocasionalmente, podemos encontrar também professores que comemoram os seus alunos, novamente em Roma, *Sympor(us)*, que se designa de *praeceptor*, manda fazer o epitáfio de *Ti. Claudius Agrippinus, discenti b(ene) me(renti)* (CIL VI 10011); o professor *M. Aufidius Apollonius* manda fazer o epitáfio do médico *Glycerus, discenti b(ene) m(erenti)* (NSA, 1917: 290); ou ainda *Q. Attius Hermes* que homenageia *Primitivus*, seu *discens piissimus* (CIL VI 10016).

⁴² *[Augu]stali / perpetuo / C(aio) Heio C(ai) l(iberto) / Primo / C(aius) Heius Primi lib(ertus) / Nothus et Heia / Primi l[ib](erta)] Elpis / Heia Notha Secunda / C(aius) Heius Nothi f(ilius) Gal(eria) / Primus Ca[t]o / Heia Nothi f(ilia) Chelid(a) / T(itus) [H]eius Nothi f(ilius) Gal(eria) / Glaphyrus Nothian/[us?...]* (CIL II 196).

6. REFLEXÕES FINAIS

“La médecine “grecque”, dans un empire bilingüe, biculturel, respectueux des “autonomies”, continue parallèlement sur sa trajectoire, jusqu’à un Moyen Age chrétien qui unifie la science médicale autour de la langue de l’Eglise”.
(André, 2006: 615)

- 87 Não obstante a documentação disponível se mostrar lacunar, desde os inícios do séc. I aos inícios do III d.C., com maior incidência em meados do séc. I, foram contabilizados c. de 12 *medici* que exerceram na Lusitânia, dos quais somente um corresponde a uma mulher (*Iulia Saturnina*). No que toca a especialidades profissionais, apenas *Q. Aponius Rusticus* se designa de *medicus ocularius*, um oftalmologista.
- 88 Por sua vez, somente dois médicos indicam de forma explícita o seu estatuto jurídico, nomeadamente os escravos *Ianuarius*, *D. Percae ser(vus)* e *Atimetus*, *M. Iuli Rufini ser(vus)*. O estatuto de liberto à restante maioria é assim atribuído com base na ausência de filiação, vínculos sociais com indivíduos ligados ao mundo servil e uso de *cognomina* gregos. Uma análise ao perfil onomástico permite concluir que a maioria dos indivíduos se identifica mediante a estrutura clássica, *duo* ou *tria nomina*, onde os gentílios apresentam uma origem latina; enquanto c. de 36,4% dos *cognomina* apresenta uma origem grega, percentagem considerável que aponta para uma possível origem servil.
- 89 Na Lusitânia podem ser assim identificados *medici* pertencentes a todas as classes sociais, desde escravos (*Atimetus* e *Ianuarius*) a cidadãos (*P. Sertorius Niger*), mas destacando-se a classe dos libertos (*Q. Aponius Rusticus*, *C. Domitius Pylades*, *L. Cordius Symphorus*, *C. Attius Ianuarius*, *C. Argentarius Heraclidi* ou *Iulia Saturnina*).
- 90 Por outro lado, quanto ao suporte e tipologia do monumento, verifica-se uma maioria de placas funerárias, concretamente, de *P. Sertorius Niger*, *Q. Aponius Rusticus*, *C. Domitius Pylades* e *Ianuarius*; um altar funerário, de *Iulia Saturnina*; um altar votivo de *L. Cordius Symphorus* (que encontra paralelo no de *C. Attius Ianuarius*, em *Mirobriga*); e uma placa honorífica consagrada pelo estudante *Nothus* ao *medicus Atimetus*.
- 91 Por último, este último caso apresenta-se como testemunho paradigmático de mobilidade social e geográfica dos libertos na *Lusitania*, permitindo 1) contar a história de sucesso de uma família de *Olisipo*; 2) desvendar quem praticava medicina e como era feito o ensino médico nas províncias ocidentais; 3) compreender o papel dos escravos no desempenho deste ofício e o aumento do seu valor social com a aprendizagem médica; 4) aceder aos intercâmbios sociais estabelecidos en-

tre as mais florescentes cidades da *Lusitania*: *Emerita*, a sua capital, e *Olisipo*, o seu porto marítimo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTOS, M. L. (1966), *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca.
- ALONSO ALONSO, M^a A. (2011), “*Medicae y obstetrices en la epigrafía latina del Imperio romano. Apuntes en torno a un análisis comparativo*”, in *Classica et Christiana*, 6/2, Revista da Universitatea Alexandru Ioan Cuza Iași, Facultatea de Istorie, Centrul de Studii Clasice și Creștine, 267-296, Romania.
- ÁLVAREZ SÁENZ DE BURUAGA, J. e GARCÍA DE SOTO, J. (1946), “Nuevas aportaciones al estudio de la necrópolis oriental de Mérida.” *Archivo Español de Arqueología*, 19, 70-85, Madrid.
- ANDRÉ, J.-M. (2006), *La Médecine à Rome*. Paris: Tallandier.
- ANDREU PINTADO, J. (1998), “Augustalidad, sevirato y evergetismo: aproximación a la promoción social de los libertos en Lusitania”. *Vipasca* 7, 43-59, Aljustrel.
- BEJARANO OSORIO, A. (2002), “Nuevas aportaciones al conocimiento de la medicina y farmacéutica en la ciudad de Augusta Emerita, Mérida”: Excavaciones arqueológicas 2000 (Memoria 6), 397-421, Mérida.
- (2015), *La medicina en la Colonia Augusta Emerita*. Série Ataecina, Mérida.
- EDMONDSON, J. (1993), “*Specula urbis romae*: a group of marble funerary stelae with arch and rosettes from Augusta Emerita”. *Anas*, 6, Museo Nacional de Arte Romano, 9-49, Mérida.
- (2004), “Inmigración y sociedad local en Augusta Emerita, 25 a.C. – 250 d.C.”. In Gorges, J. G.; Cerrillo, E.; Nogales, T. (eds.), *Actas de la V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania romana*, 321-368, Madrid.
- (2009), “New light on doctors, medical training and links between Augusta Emerita and Olisipo in the mid-first century A. D.”, in *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua: Homenaje al Dr. Armin U. Stylow (Anejos de Archivo Español de Arqueología 48)*, 117-129, Madrid. https://www.academia.edu/1590015/New_light_on_doctors_medical_training_and_links_between_Augusta_Emerita_and_Olisipo_in_the_mid-first_century_AD
- FERNANDES, L. S. (2005), “*C. Heius Primus, augustalis perpetuus*. Teatro e encenação do poder em Olisipo”, *Máthesis*, 14, 29-40. Universidade Católica Portuguesa, Viseu.
- FLORIANO CUMBREÑO, A. (1941), “Aportaciones arqueológicas a la medicina romana”, *Archivo Español de Arqueología*, 44, 415-433, Madrid.

- GOZALBES CRAVIOTO, E. e GARCÍA GARCÍA, I. (2009-2010), "En torno a la medicina romana", *Hispania Antiqua XXXIII-XXXIV*, Valladolid, Universidad de Valladolid, pp. 323-336.
- HÜBNER, E. (1894), "Inscripciones romanas de Mérida", *Boletín de la Real Academia de la Historia* (BRAH), 25, 465-471, Madrid.
- MANTAS, V. G. (2002a), "Os exércitos, a força, a vitória e seus deuses no contexto da província da Lusitânia". In Cardim Ribeiro, J. (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, 111-118, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- (2002b), "Da vitória militar à vitória médica e à proteção das mulheres: Vénus". In Cardim Ribeiro, J. (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, 119-124, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- RAMÍREZ SÁDABA, J. L. e GIJÓN GABRIEL, E. (1994), "Las inscripciones de la necrópolis del Albarregas (Mérida) y su contexto arqueológico", *Veleia* 11, 117-167, Universidad del País Vasco, Servicio de Publicaciones.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (1994), "Algunos aspectos de la medicina romana emeritense", *Actas de las II Jornadas de Metodología y Didáctica de la Historia Antigua*, 125-130, Cáceres.
- REMY, B. (1991), "Les inscriptions de médecins dans les provinces romaines de la Péninsule Ibérique", *REA (Revue des Études Anciennes)* III, tome XCIII, n° 3-4. A la mémoire de Jean-Noël Bonneville, 321-364, Annales de l'Université de Bordeaux.
- REMY, B. (2010), "Les médecins dans l'occident Roman", *Ausonius, Scripta Antiqua* 27, Bordeaux.
- REMY, B. e GALLEGU FRANCO (1999), "Los médicos y su integración socio-profesional en el Occidente Romano: de Hispania a las provincias del Alto y Medio Danubio", *Hispania Antiqua*, 23, 225-249, Universidad de Valladolid, Servicio de Publicaciones.
- RODRÍGUEZ MOÑINO, A. R. (1940), "Arqueología extremeña: los hallazgos romanos del castillo de las Navas del Marqués", *Revista del Centro de Estudios Extremeños*, XIV-1, 1, 33-56, Badajoz.
- SANABRIA ESCUDERO, M. (1964), "La medicina emeritense en las épocas romana y visigoda", *Revista de estudios extremeños*, n°20, tomo I, pp. 53-84.
- (1965), "Médicos Romanos en Mérida", *Actas del II Congreso Español de Historia de la Medicina*, vol. II, 397-399, Salamanca.
- SAQUETE CHAMIZO, J. C. (1997), "Las élites sociales de Augusta Emerita", *Cuadernos Emeritenses*, 13, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida.
- SAQUETE CHAMIZO, J. C. e MARQUEZ, J. (1993), "Nuevas inscripciones romanas de Augusta Emerita: la necropolis del disco", *Anas* 6, 51-84. Museo Nacional de Arte Romano, Mérida.
- STYLOW, A. U. (2001), "Las estatuas honoríficas como medio de autorepresentación de las élites locales de Hispania". In M. Navarro, S. Demougin (eds.), *Élites Hispaniques* (Bordeaux, 1998), 141-155, Paris.

ANEXO A

FIGURAS



Fig. 1

Relevo em terracota da *obstetrix Scribonia Attice* (Óstia)



Fig. 2

Visão frontal e lateral da placa comemorativa mandada fazer pelo escravo *Nothus* ao médico *Atimetus* (HEp 18, 2009, 32). Fotografia captada aquando da exposição da peça no Museu do Teatro Romano, Lisboa.






ANEXO B








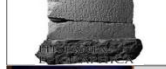


TABELAS

Tabela 1

Nome	Designação Profissional	Estatuto	Cronologia	Tip. Suporte
<i>P. Sertorius Niger</i>	<i>medic(us)</i>	<i>ingenuus</i>	1ª metade séc. I d.C.	Placa funerária
<i>Q. Aponius Rusticus</i>	<i>medicus ocular(ius)</i>	<i>Ciuis Patriciensis incertus</i>	Época Flávia 69-96 d.C.	Placa c/ epitáfio múltiplo
<i>C. Domitius Pylades</i>	<i>medic(us)</i>	<i>libertus</i>	Época Flávia 69-96 d.C.	Placa funerária
<i>Ianuarius</i>	<i>medicus</i>	<i>servus</i>	Finais séc. I d.C.	Estela funerária
<i>L. Cordius Symphorus</i>	<i>medicus</i>	<i>libertus</i>	Inícios séc. II d.C.	Altar votivo
<i>Iulia Saturnina</i>	<i>medica</i>	<i>liberta (incertus)</i>	2ª metade séc. II/ início séc. III d.C.	Altar funerário
<i>Atimeto</i>	<i>medic(o)</i>	<i>ser(vus)</i>	45-55 d.C.	Placa Honorífica
<i>Nothus</i>	<i>discens</i>	<i>ser(vus)</i>	45-55 d.C.	Placa Honorífica
<i>C. Argentario Heraclidi</i>	<i>med(ico)</i>	<i>libertus</i>	-	-
<i>C. Attius Ianuarius</i>	<i>medicus Pacensis</i>	<i>libertus</i>	-	Altar votivo
<i>C. C(aecilius?) Fortunatus</i>	-	<i>incertus</i>	-	Estojo
<i>Anonymous</i>	<i>medicus</i>	-	Época tardia	Placa funerária

Tabela 2

CORPVS INSCRIPTIONUM			
Fotografia	Inscrição	Proveniência	Bibl. Abrev.
 HISPANIA EPIGRAPHICA	[D(is) M(anibus) s(acrum) / Albanus Artemidorus] / medicus / ocularius / ann(or)um XXXXVI / k(arus!) s(uis) h(ic) s(itus) e(st) / s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)	Gades (Baetica).	CIL II 1737 IRPCadiz 133
	L(ucius) Iulius / Protogenes / medicus / h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)	Gades (Baetica).	CIL II 2/7, 338 CIL II 2237
	Rotus / [- - me]dicus / [...]	Gades (Baetica).	HEp 6, 1996, 448
	P(ublius) Fabius / Sergia (tribu) / Athenodorus / medicu s / [...]	Gades (Baetica).	HEp 18, 2009, 93 AE 2009, 569
	[... m]edicus prudens, diopithes, / [aeternu]m vivere dignus erat	Gades (Baetica).	HEp 18, 2009, 94 AE 2009, 570
*	Iulia L(uci) [ff(ilia)] / Medika a[n(nor)um] - - - / k(ara) s(uis) h(ic) s(ita) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)	Gades (Baetica).	HEp 11, 2001, 196
 HISPANIA EPIGRAPHICA	M(arcus) Fulvius Icarus Pontu[fficiensis] medicus ocu/larius sibi et suis fec[it]	Ipagrum (Baetica)	CIL II 2/5, 594 CIL II 5055 (p 870) ILS 7808
	Sabina V(aleri?) Erotis me/dici uxor an(nor)um L m(ensium) VI / pia in suis h(ic) s(ita) e(st) / s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)	Astigi (Baetica)	CIL II 2/5, 1182 CIL II 1483 CILA II, 776
 HISPANIA EPIGRAPHICA	M(arcus) Aerarius soc(iorum) aerar(iorum) l(ibertus) / Telemac(h)us medicus / hic quiescit vale	Corduba (Baetica)	CIL II 2/7, 334 HEp 4, 1994, 286 AE 1971, 181
 HISPANIA EPIGRAPHICA	----- / [- -]ARRI[- - / - -] liberta Xene / [- -] suo bene merit[o / - -] Nymphio medi[co / - - et] libertis libertab[usq(ue) / D(is)] M(anibus) s(acrum)]	Corduba (Baetica)	CIL II 2/7, 350 HEp 19, 2010, 122
 HISPANIA EPIGRAPHICA	P(ublius) Frontin(i)us / Sciscola / medicus c(olonorum) c(oloniae) P(atriciae) / h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)	Solia (Baetica)	CIL II 2348 HEp 1, 1989, 261 AE 1986, 356

	<i>Ianuarius / D(omiti?) / Percae / ser(vus) medicus / ann(or)um XXXI / h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) C(aius) Ir(ri?)us / December / fratri / d(e) s(uo) f(aciendum) c(uravit)</i>	Villafranca de los Barros (Lusitania).	CIL II 5389 HEp 4, 1994, 190 Edmondson, J. (2009)
	<i>C(aio) Argentario Heraclidi / med(ico) Erasistratu(s) fil(ius) / [ç]patri f(aciendum) c(uravit) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)?]</i>	Metellinum (Lusitania).	HEp 4, 1994, 146
	<i>P(ublius) Sertorius Niger medic(us) / sibi et P(ublio) Sertorio patri suo et Caeciliae / Urbanae uxori suae Sertoria Tertullae sorori / suae et M(arcus) Didius Postumus sobrinus et heres / P(ubli) S[er]rtori Nigri de suo sibi statuam posuit</i>	Augusta Emerita (Lusitania).	AE 1999, 876 HEp 7, 1997, 122 Edmondson, J. (2009)
	<i>Veneri Victrici / L(ucius) Cordius Sym/phorus medicus / sacr(um) ex voto</i>	Augusta Emerita (Lusitania)	CIL II 470 ERAE 1
	<i>D(is) M(anibus) s(acrum) / Iuliae Saturninae / ann(or)um XXXV / uxori incomparabili / medicae optima(e) / mulieri sanctissimae / Cassius Philippus / maritus ob meritis / h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)</i>	Augusta Emerita (Lusitania).	ERAE 293 Edmondson, J. (2009).
	<i>Q(uintus) Aponius Rusticus / medicus ocular(ius) / Patriciensis / Aponia Q(uinti) l(i)berta Mandata / Eucharidi sorori / hic sit(i) sunt / et tu et tibi</i>	Augusta Emerita (Lusitania)	HEp 6, 1996, 83 AE 1994, 840 Edmondson, J. (2009).
	<i>C(aius) Domitius / Pylades medic(us) / an(nor)um LV h(ic) s(itus) e(st) / [t]e rogo praeteriens / [u]t dicas s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) / [C]ornelia M(arci) l(i)berta / Maurilla uxor / [C(aius)] Domitius C(ai) l(i)bertus / Restitutus //</i>	Augusta Emerita (Lusitania).	HEp 6, 1996, 102 AE 1994, 859 Edmondson, J. (2009).
	<i>[- - -] + dus medicus debito / [- - -] us hoc in sepulcro quiescit / [- - -] ius vixisse fertur fere / [- - -] nti n[- - -] / - - - - - ?</i>	Augusta Emerita (Lusitania)	Mallon y T. Marín (1951) p. 80-81, nº 163
	<i>Atimeto medic(o) / M(arci) Iuli Rufini ser(vo) / Nothus discens / C(ai) Hei Primi ser(vus)</i>	Augusta Emerita (Lusitania).	HEp 18, 2009, 32 AE 2009, 518 Edmondson, J. (2009).
	<i>Aesculapio / deo / C(aius) Attius Ianuarius / medicus Pacensis / testamento legavit / ob merita splendi/dissimi ordinis / [qu]od ei quinquaginta/[du]m praestiterit / Fabius Isas heres / [faciendum) cur(avit)</i>	Mirobriga (Lusitania).	AE 1996, 835 IRCP 144 RAP 231 HEp 19, 2010, 551
	* <i>Ambat(a)e Me/dicae Placi/di f(iliae) an(nor)um LXXV</i>	Lara de los Infantes (H. Citerior)	ERLara 81 CIPRBu 379
	<i>P(ubli) Fanni / Medici</i>	H. Citerior	HEp 9, 1999, 732
	<i>Dis M(anibus) Tib(erius) Cl(audius) Apollinaris Ti(beri) / Cl(audi) Oniti lib(ertus) et heres artis medicin(a)e / doctiss(imus) h(ic) s(itus) e(st) / titulum posuit Iul(ia) Rhodine / uxor marito b(ene) m(erenti) et Cl(audia) Iuliane Potentia / patri pientiss(im)o</i>	Tarraco (H. Citerior)	CIL II 4313 RIT 442
	<i>D(is) M(anibus) s(acrum) / Philumeno / medico / Rufus fil(ius) / patri f(aciendum) c(uravit) / s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)</i>	Segobriga (H. Citerior)	CIL II 3118
	<i>P(ublius) Sicinius / P(ubli) l(i)bertus / Eutychus / medicus / h(ic) s(itus) est</i>	Dianium (H. Citerior)	CIL II 3593
	<i>[- - -] / [- - -] medicus / [- - -] tus</i>	Soria (H. Citerior)	HEp 11, 2001, 508
	<i>D(is) M(anibus) / L(ucio) Sempronio Apol/lonio medico / L(ucius) Sempronius Phi/loxenus patri pio f(ecit)</i>	Ebusus (H. Citerior)	CIL II 3666
*	<i>Ambatae / medicae / Verati f(iliae) / an(nor)um LV</i>	Belorado (H. Citerior)	HEp 10, 2000, 81

ANEXO C

GRÁFICOS

